

Até a terceira e a quarta geração.

(1) Mohicanos.

Somos animais que negam, e isto é a nossa dignidade (o que nos distingue dos demais organismos). A existência humana ("ek-sistere") não é posição, mas negação, a saber negação de si mesmo e da circunstância que condiciona. Desde que aparecem os primeiros homens, tal negação se manifesta. Exemplo: pedras pontudas. Simulam dentes, mas para poderem fazê-lo, devem primeiro negar os dentes. Pedras pontudas proclamam que dentes não são como devem ser, e propõem alternativas. Com efeito: somos animais que opõem ao ser-assim o dever-ser, que negam o real pelos valores. A existência humana é a tentativa (frustrada) de valorar o real e realizar valores, e, ao tentar fazê-lo, modificar-se.

Tudo isto parece obvio, mera banalidade. Dizer que não queremos ser como somos, que queremos alterar-nos, e que para tanto procuramos alterar o mundo, parece dizer o que todo mundo admite. Mas ao refletirmos um pouco verificamos que nada é menos obvio, menos admitido. A grande maioria das pessoas não nega seu ser-assim, não nega a sua condição, mas pelo contrário aceita e até glorifica o seu condicionamento. Orgulha-se de ter nascido macho, ou budista, ou guiné-bissauense. Afirma que ser macho, ou budista, ou guiné-bissauense é o que há de mais desejável. E que, se acaso a gente tivesse nascido mulher, ou cristão, ou chinês, teria tentado alterar tal condição insatisfatória, mas como por acaso a gente nasceu exatamente como deve ser, toda negação se torna redundante. Ora: não convém considerar toda essa gente como tendo perdido a sua dignidade humana, como tendo recaído para a animalidade, nem convém recusar o argumento do "feliz acaso" como falso por altamente improvável. E isto plea razão seguinte:

Suponhamos que algum se diz orgulhoso por ser brasileiro. É difícil imaginar que abelha ou cefalopodo (ou organismo complexo qualquer) se afirme orgulhoso de sê-lo. Tais animais, por complexos que sejam, aceitam o seu condicionamento. O brasileiro orgulhoso de sê-lo afirma um pouco demais, e ao exagerar a afirmação passa a negar-se. Pelo lema: "sou orgulhoso de ser judeu, porque se não fosse orgulhoso, continuaria judeu de qualquer forma". Mas o orgulho nacional, ou de classe, ou de religião, não é apenas resignação glorificada. O germe da rebelião se esconde nele. Se "por acaso" nasci cristão, e se aceito tal condição enquanto "única salvadora", o "acaso" do meu nascimento entra em contradição com a universalidade proclamada do cristianismo. Ao me orgulhar de ter nascido cristão, ponho em questão não apenas meu nascimento, mas igualmente o cristianismo. Em suma: o fato de sermos negação se manifesta inclusive sob forma de afirmação exagerada.

Estas reflexões parecem involutas e rebuscadas. Por quê não admitir simplesmente que quem aceita o seu condicionamento traiu a dignidade humana? Por quê calar o nojo que nos causa toda auto-suficiência e toda submissão ao dado? Pela razão seguinte: Para poder negar sua condição é necessário primeiro admiti-la. Se não admitirmos sermos mamíferos, e insistirmos querer ser aves, jamais voaremos. As reflexões involutas e rebuscadas são inevitáveis, porque admitem a necessidade de nos assumirmos antes de nos negarmos. Quem se orgulha ser brasileiro deu o primeiro passo na direção de deixar de sê-lo.

O presente texto procurará considerar a condição de ser judeu praguense. Deverá partir dos argumentos involutos e rebuscados acima elaborados. Deverá procurar assumir plenamente tal condição, antes de tentar superá-la. Mas primeiro deve justificar-se. Qual o interesse de tal tentativa? Para quem a escreve o interesse é obvio; a vida toda o quem escreve procurou superar sua condição de judeu praguense sem jamais totalmente a ter assumido. Agora, no final da vida, verifica que não pode libertar-se do seu condicionamento sem escrever este texto. Mas qual interesse tem o texto para outras pessoas? Tres respostas possiveis: (1) Não tem nenhum interesse. (2) Interesse por documentar cultura desaparecida ou em vias de desaparecimento. (3) Interesse por ilustrar as contradições de toda tentativa de superar-se. As tres respostas são válidas, e o texto deve tomá-las em conta.

A consequência disto é que o texto não deve ser auto-biografia. Ser judeu de Praga não deve ser problema a ser analisado introspectivamente. O texto deve partir do seu autor em direção dos poucos sobreviventes e numerosos mortos, afim de assumir o problema intersubjectivamente. Mas isto exige complexa metodologia. Por certo o problema pode ser simplificado. Posso definir "judeu praguense" enquanto pessoa cujo judaismo passou durante séculos pelo crivo de Praga, e refinou-se a enfraqueceu, o que permitiu ao afligido pela condição participar das culturas tcheecas e alemãs do ambiente. Mas tal simplificação metodologica, a qual faz do judeu praguense judeu morno bilingue, perderá de vista o proposito deste texto, o qual é o de agarrar a extra-ordinária força exercida pela condição "ser judeu praguense" sobre quem a ela está submetido.

Se no entanto toda simplificação for evitada, o problema metodologico se manifesta. Do ponto de vista filogenético o judaismo praguense se apresenta enquanto ramo morto da árvore genealogico da cultura ocidental, e o ramo morreu por ser o judaismo praguense extrema especialização incapaz de sobreviver e de fazer face aos desafios do nazismo e dos acontecimentos posteriores. Mas do ponto de vista ontogenético o judaismo de Praga se apresenta enquanto convergência de numerosos ramos da cultura ocidental, e alguns desses ramos convergem apenas aqui e não alhures. De modo que a morte do judaismo praguense não parece devida a especialização, mas parece que com o desaparecimento dos judeus praguenses desaparece toda uma variante da cultura ocidental inteira. Eis um exemplo de tal dificuldade:

Não resta dúvida que do ponto de vista filogenético o cristianismo é ramo do judaismo, embora ramo mais grosso que o tronco, e embora rebata sobre o tronco como chicote. Em tal sentido o judaismo praguense (como o judaismo todo) se assume enquanto fonte do cristianismo. Mas do ponto de vista ontogenético o judaismo praguense contém e abarca o cristianismo, é em certo sentido posterior a ele, e em todo caso não é explicável sem o cristianismo. O presente texto não resolverá tal contradição metodologica, e deverá se haver com ela.

Há outra dificuldade que exige ser confessada. Para assumir a condição de judeu praguense (afim de posteriormente tentar superá-la) devo tentar integrar-me nela. Mas para visualizá-la, devo distanciar-me dela. Isto exige ser exemplificado: O judaismo é impensável sem o antisemitismo, e isto caracteriza a condição judia.

A radicalidade desse aspecto se torna obvia se considerarmos a situação na qual o cristianismo seria impensável sem o anti-cristianismo, ou a condição de francez sem o anti-galicismo. Ora; se procurar me integrar na condição de judeu praguense, estarei obrigado de assumir plenamente o antisemitismo tcheco e alemão como um dos dados do meu condicionamento. Mas se, pelo contrário, distanciar-me do fenômeno para visualizá-lo, tais dois antisemitismos (aliás desiguais) se mostrarão sobretudo enquanto aspectos dos praguenses não-judeus. O presente texto deverá pois constantemente oscilar entre distância e engajamento, sem jamais perder de vista a meta que é superar o judaísmo praguense .

Aqui surge a questão fundamental deste ensaio todo. Para quê querer superar condição cultural a qual de toda forma já desapareceu? A resposta é paradoxal, mas não obstante irrefutável. Condição cultural desaparecida e não superada continua agindo virulentamente. Múltiplos exemplos da história ocidental ilustram isto (por exemplo o gnosticismo, e mais recentemente o fascismo), e Freud, o qual não é estritamente judeu praguense mas intimamente aparentado, analisou este fato. Ora; há poucos sobreviventes do judaísmo praguense. A eles cabe a tarefa de assumir e procurar superar o fardo pesado que há tres ou quatro gerações peza sobre os seus ombros. O fardo é pesado, não apenas porque o grupo sempre restrito de judeus praguenses produziu cultura quantitativa e qualitativamente superior ao estatisticamente provável, mas sobretudo porque a morte muitas vezes indescritivelmente atroz dos portadores de tal cultura específica parece não permitir crítica negativa. Este texto resistirá ao sentimentalismo: não chorará sobre focas ou mohicanos. Crê que a verdadeira homenagem devida aos mortos é assumi-los como se fossem vivos. (O que de certa maneira são na mente de quem escreve isto.)

O texto procurará; assumir o judaísmo praguense para de pois superá-lo. Procurará voltar para a Praga dos anos 20, para depois levá-la até as regiões nas quais o autor habita. Afim de poder realmente habitá-las. A viagem será um vai e vêm, e este pendular entre assumir-se e superar-se será a dinâmica deste ensaio. Isto é; se fôr permitido a quem escreve terminar sua tarefa.